

Conhecimentos e percepções de guias e condutores sobre a observação de Baleias-Franca na APA da Baleia Franca, SC

*Knowledge and perceptions of guides and tour operators
about southern right whale watching in the APA of the
Southern Right Whale, SC*

Fábio Pereira da Conceição¹
Carlos Henrique Marinho dos Santos Filgueira²
Karina Rejane Groch³
Eduardo Pires Renault Braga⁴
Marcelo Derzi Vidal⁵

¹ Graduação em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário do Maranhão. Técnico de monitoramento. Instituto Australis de Pesquisa e Monitoramento Ambiental. E-mail: fabio_pconceicao@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7186395096200532>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3029-2388>

² Mestrado em Biodiversidade e Conservação pela Universidade Federal do Maranhão. Doutorando em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. E-mail: marinho.ocean@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4819619957171534>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1700-9258>

³ Doutorado em Biologia Animal pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Diretora de Pesquisa do Instituto Australis de Pesquisa e Monitoramento Ambiental e do Projeto Franca Austral. E-mail: karina@institutoaustralis.org.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6700928191717444>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2034-3444>

⁴ Doutorado em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná. Gerente de pesquisa/operacional do Instituto Australis de Pesquisa e Monitoramento Ambiental e professor adjunto colaborador da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: eduardo@institutoaustralis.org.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1063939969455254>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5800-2859>

⁵ Doutorado em Biodiversidade e Conservação pela Rede BioNorte. Analista Ambiental - Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (CNPT/ICMBio). E-mail: marcelo.vidal@icmbio.gov.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0861725321644797>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9434-7333>

RESUMO: A identificação do perfil e percepção dos profissionais do turismo em áreas protegidas auxilia na criação de estratégias de manejo mais eficientes. Neste artigo discutiu-se aspectos dos conhecimentos e percepções de guias e condutores de turismo sobre observação de baleias-franca (*Eubalaena australis*) na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca, em Santa Catarina, Brasil. Para tanto, utilizouse um questionário semiestruturado, com abordagem qualiquantitativa, sendo entrevistados 27 profissionais (21 guias e 6 condutores). A maioria dos entrevistados foi do sexo feminino (62,96%), com idade entre 38 e 47 anos (37,04%), e ensino superior completo (77,78%), além do português, 77,78% falam outros idiomas e a maioria (74,07%) complementa a renda com outras atividades. A percepção de aumento na população de baleias-franca nos últimos 10 anos foi indicada por 77,78% dos entrevistados. Todos declararam informar aos visitantes características das baleias, principalmente relacionadas ao comportamento (21,15%) e anatomia (15,38%). O turismo foi considerado benéfico à conservação por todos os entrevistados, o que pode estar relacionado a diferentes fatores, como a atuação dos guias, o controle das atividades desenvolvidas e a valorização dos ambientes naturais. Entre as vantagens da profissão, os profissionais destacam o prazer no trabalho (36,67%) e o contato com a natureza (16,67%); entre as dificuldades, a desvalorização profissional (40,63%) e a falta de incentivo (28,13%). Os resultados contribuem para compreender a atuação desses profissionais em áreas protegidas e para a formulação de estratégias de gestão do uso público que considerem a relação dialética entre turismo e conservação de fauna silvestre.

Palavras-chave: Etnoconhecimento; *Eubalaena australis*; unidade de conservação; visitação.

ABSTRACT: The identification of the profile and perception of tourism professionals in protected areas supports the development of more efficient management strategies. This article discussed the knowledge and perceptions of tour guides and operators regarding the observation of southern right whales (*Eubalaena australis*) in the Right Whale Environmental Protection Area, in Santa Catarina, Brazil. Based on a semi-structured questionnaire with a quali-quantitative approach, 27 professionals (21 guides and 6 operators) were interviewed. Most respondents were female (62.96%), between 38 and 47 years old (37.04%), and held a higher education degree (77.78%), in addition to Portuguese, 77.78% they reported speaking other languages and the majority (74.07%) supplemented their income with other activities. A perceived increase in the southern right whale population in the last decade was indicated by 77.78% of the respondents. All respondents reported informing visitors about the whales' characteristics, mainly related to behavior (21.15%) and anatomy (15.38%). Tourism was considered beneficial to conservation by all respondents, which may be related to factors such as the role of guides, the control of the activities conducted, and the appreciation of natural environments. As professional advantages, professionals highlighted job satisfaction (36.67%) and contact with nature (16.67%); while the main challenges included professional undervaluation (40.63%) and lack of incentives (28.13%). The results contribute to understanding the role of these professionals in protected areas and to the formulating of public-use management strategies that consider the dialectical relationship between tourism and wildlife conservation.

Keywords: Ethno-knowledge; *Eubalaena australis*; conservation unit; visitation.

1 INTRODUÇÃO

O turismo com base na natureza é um dos segmentos que mais cresce no mundo, e sua tendência é continuar em ascensão em virtude do interesse despertado pelos temas ambientais (Silva; Silva; Vieira, 2023). Esse tipo de turismo utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e buscando a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (Brasil, 2010). O desenvolvimento de atividades de sensibilização utilizando a fauna silvestre como protagonista tem um papel importante no turismo, principalmente quando realizadas com espécies icônicas e carismáticas, atuando como um dos pilares de conservação desses animais (Tremblay, 2002; Curtin, 2009).

Baleias e golfinhos, mamíferos aquáticos integrantes do grupo dos cetáceos, são considerados animais únicos e carismáticos, e há muito tempo desempenham um papel importante na conservação (Barney et al., 2005; Krause; Robinson, 2017; Wosnick et al., 2021), sendo que a capacidade destes animais de sensibilizar as pessoas está registrada em afrescos de mais de 5 mil anos na Ilha de Creta e na mitologia grega (Mayol, 1986). Algumas espécies de baleias e golfinhos são relativamente fáceis de serem avistadas em seu ambiente natural, o que tornou-as alvos de uma crescente demanda por interação turística (Orams, 1996; Reeves et al., 2003). Em diversas regiões do mundo, há um turismo estruturado para a prática do whale watching, atividade que consiste na observação de baleias e golfinhos a partir de terra firme, embarcações, ou por meio de programas de natação e alimentação de golfinhos (Parsons et al., 2003; Scarpaci; Dayanthi; Corkeron, 2003). No Brasil, o turismo de observação de cetáceos apresenta impactos positivos socioeconômicos e ambientais. A atividade com golfinhos-rotadores (*Stenella longirostris*) em Fernando de Noronha contribui para a sensibilização ambiental e a geração de renda local (Silva Júnior et al., 2025). De forma semelhante, o turismo com botos-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) no Parque Nacional de Anavilhanas, no Amazonas, promove benefícios econômicos para Novo Airão e é percebido como instrumento de conservação (Vidal et al., 2013, 2021).

Do ponto de vista econômico-financeiro, o whale watching vem se expandindo mundialmente, gerando emprego e renda em comunidades costeiras (McDowell Group, 2020; Spanholi et al., 2025). No Alasca, movimenta cerca de US\$ 103 milhões por ano e cria aproximadamente 1.100 empregos, na Bahía Málaga (Colômbia), contribuiu com US\$ 99.954 em despesas diretas, enquanto no Brasil, na Praia do Forte, o setor gera cerca de R\$ 15 milhões por temporada (Avila et al., 2015; McDowell Group, 2020; Spanholi et al., 2025). Entretanto, reduzir o turismo de observação de cetáceos apenas à sua dimensão econômica, pode invisibilizar os potenciais impactos sociais e ambientais dessa prática. Mais do que a geração de renda, a relevância desse segmento também está na sua capacidade de promover educação ambiental, sensibilização e engajamento dos visitantes para a conservação das espécies e de seus habitats (Orams, 1996; Weiler; Black, 2015).

No caso da baleia-franca-austral, espécie emblemática desse tipo de interação turística no hemisfério Sul, a valorização por meio da observação contrasta fortemente com o passado de intensa exploração baleeira. Cetáceo de grande porte e ampla distribuição no hemisfério Sul, a baleia-franca-austral foi uma das mais intensamente caçadas entre os séculos XVIII e XX (Ellis, 1999; Cummings, 1985). Em 1785, três armações baleeiras de Santa Catarina, no Sul do Brasil, capturaram cerca de 133 indivíduos por local, totalizando 399 animais (Morais et al., 2016). Nas águas brasileiras a espécie se distribuía da Baía de Todos os Santos (BA) ao Rio Grande do Sul, sendo preferida pela caça devido a seus hábitos costeiros, que facilitavam a captura (Câmara; Palazzo, 1986; Moraes et al., 2016).

Atualmente, a caça é proibida pela moratória internacional da Comissão Internacional Baleeira (CIB) e pela Lei 7.643/87. As principais ameaças às populações remanescentes são poluição química, perturbações sonoras, emalhe em redes de pesca, colisões com embarcações, perda de habitat e eventos climáticos extremos (Clapham, 1999; Clapham; Young; Browell, 1999; Leaper et al., 2006; Seyboth et al., 2016). A população cresce a uma taxa de 4,8% ao ano e conta com, pelo menos, 397 fêmeas reprodutivas (Renault-Braga; Groch; Simões-Lopes, 2021b; Renault-Braga; Groch; Simões-Lopes, 2023). A espécie é classificada como “Menos preocupante” (LC) pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), mas ainda figura como “Em perigo” (EN) no Brasil, conforme a Portaria MMA nº 148, de 7 de junho de 2022 (Brasil, 2022).

No Brasil, a baleia-franca concentra-se especialmente no litoral sul de Santa Catarina, em municípios como Imbituba e Laguna (ICMBio, 2018). A espécie visita a região entre julho e novembro, quando fêmeas migram das áreas de alimentação na Antártica para parir e amamentar seus filhotes (Renault-Braga; Groch; Simões-Lopes, 2021a). Essa característica levou à criação, em 2000, da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (APABF), Unidade de Conservação (UC) federal voltada à proteção da principal área reprodutiva da espécie no país.

Desde 1999, ocorre na APABF o turismo de observação de baleias, atividade que impacta positivamente a economia local (Moreira et al., 2011; ICMBio, 2018). Regulamentado dentro da UC, o whale watching envolve guias e condutores turísticos como agentes-chave no processo educativo. Em geral, esses profissionais pertencem às comunidades do entorno e compartilham conhecimentos ecológicos e culturais com os visitantes (Conceição et al., 2022), desempenhando papel essencial no ecoturismo e na sensibilização ambiental (García-Cegarra; Pacheco, 2017). Conhecer o perfil e as percepções desses atores é fundamental para formular estratégias ecoturísticas responsáveis, que garantam interações contemplativas, minimizem impactos e otimizem a experiência dos visitantes (Diedrich; García-Buades, 2009; Zeineddine et al., 2018; Conceição et al., 2022). Por isso, esse artigo tem como objetivo analisar o conhecimento desses profissionais sobre as baleias-francas e suas percepções sobre o turismo de observação na APABF. Neste estudo, foram entrevistados guias e condutores, com idade mínima de 18 anos, que atuam ativamente na observação turística de baleias-francas dentro dos limites da APABF. Assim, a pesquisa busca

oferecer subsídios à gestão da UC, contribuindo para estratégias que aprimorem a experiência turística e fortaleçam a conservação da baleia-franca-austral.

Este trabalho inicia-se com esta contextualização introdutória, seguida do referencial teórico sobre o turismo com fauna silvestre e a atuação de guias e condutores, seguido dos procedimentos metodológicos, que incluem a caracterização da área, a coleta e a análise dos dados. Em seguida, apresentam-se os resultados e a discussão, abordando o perfil dos entrevistados, suas percepções sobre a baleiafranca e as experiências profissionais. Por fim, são expostas as considerações finais e os agradecimentos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Turismo de observação de fauna em seu ambiente natural

O turismo de observação da fauna tem se consolidado como uma alternativa sustentável ao uso direto da biodiversidade, promovendo benefícios econômicos e conservacionistas para comunidades locais (Dias, 2011; Vidal et al., 2024). Atividades como a observação de cetáceos destacam-se por atrair milhares de visitantes e movimentar recursos financeiros, contribuindo para economias regionais por meio de serviços como hospedagem, alimentação e transporte (Vidal et al., 2021). No entanto, uma ênfase nos ganhos econômicos pode minimizar os potenciais impactos sociais e ambientais do ecoturismo voltado para a observação da fauna silvestre, já que, enquanto parte do turismo de natureza, deve conciliar lazer e conservação por meio de experiências responsáveis em ambientes naturais, promovendo educação ambiental e benefícios às populações locais (Matheus; Raimundo, 2023).

Outras abordagens, como o Turismo de Base Comunitária (TBC), reforçam a importância de priorizar também benefícios sociais, como a valorização cultural das comunidades, a participação local na gestão e a melhoria da qualidade de vida, além de benefícios ambientais relacionados à conservação dos ecossistemas e à sensibilização dos visitantes (Betti; Denardin, 2013; Botelho; Raimundo, 2023; Moraes; Mendonça, 2024; Abreu et al., 2024). Desta forma, além dos ganhos econômicos, o turismo para observação de fauna por meio do TBC pode reforçar o controle social sobre os recursos naturais, valorizar espécies emblemáticas e fomentar práticas conservacionistas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2010; Betti; Denardin, 2013).

Para além de Santa Catarina, no Brasil o turismo de observação de cetáceos ocorre em diferentes regiões, como no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos e na Praia do Forte (BA), pioneiros na observação de baleias-jubartes (*Megaptera novaeangliae*) (Fernandes; Rossi-Santos, 2018), em Fernando de Noronha, com a observação de golfinhos-rotadores (*Stenella longirostris*) (Tischer et al., 2017), e no Rio Grande do Norte, com o turismo do boto-cinza (*Sotalia guianensis*) (Lunardi et al., 2017). Essas experiências destacam o potencial econômico e educativo do turismo

com cetáceos, mas reforçam a necessidade de capacitação e manejo para minimizar impactos negativos.

Estudos recentes evidenciam o potencial educativo do whale watching. GarcíaCegarra e Pacheco (2017), ao avaliarem excursões para observação de baleias no Peru, constataram que os turistas, embora inicialmente pouco informados sobre os cetáceos, passaram a demonstrar maior predisposição para práticas pró-conservação após as experiências. Isso sugere que o turismo de fauna pode ser ferramenta relevante para ampliar a consciência ambiental dos visitantes. De maneira similar, a interpretação ambiental, componente central do ecoturismo, tem sido apontada como um dos principais mecanismos de sensibilização no turismo com cetáceos. Estudos mostram que visitas guiadas com explicações contextualizadas e linguagem acessível favorecem maior retenção de informações e atitudes pró-conservação entre os visitantes (Jacobs; Harms, 2014). Assim, a atuação de guias e condutores assume papel fundamental, não apenas na segurança e logística das atividades, mas também na mediação entre turistas e natureza, transformando a experiência em aprendizado ambiental (Canto-Silva, 2017; Conceição et al., 2022).

A atuação dos guias e condutores tem papel essencial na experiência dos visitantes ao transmitir conhecimentos sobre as baleias-francas. Esse compartilhamento é fundamental no turismo de observação de cetáceos, pois os turistas valorizam passeios que combinam práticas responsáveis e componente educativo (Luck, 2015). A interpretação ambiental realizada por guias e condutores sensibiliza os visitantes e promove o turismo sustentável (Pereira, 2004; Andersen; Miller, 2006), contribuindo para a conscientização ambiental (García-Cegarra; Pacheco, 2017). A qualidade da interpretação é altamente valorizada (Saraiva; Anjos, 2019), reforçando a importância da capacitação profissional para experiências significativas e responsáveis.

No Parque Nacional de Anavilhanas, o turismo com botos-cor-de-rosa é o principal atrativo, contribuindo para a geração de renda e valorização da espécie (Vidal et al., 2019). Ainda assim, críticas são frequentes, especialmente em relação ao uso de alimentação artificial para atrair os animais, o que levanta preocupações sobre bemestar e sustentabilidade (Vidal et al., 2021). Em pesquisa na mesma UC, Conceição et al. (2022) destacam que muitos condutores e guias atuavam anteriormente na pesca artesanal, e hoje contribuem para a conservação ao repassar informações sobre comportamento e ecologia dos botos aos visitantes. A maioria acredita que o turismo contribui para a preservação da espécie ao gerar conhecimento e sensibilização, reduzindo inclusive a caça dos botos para uso como isca na pesca da piracatinga (*Calophysus macropterus*) (Conceição et al., 2022).

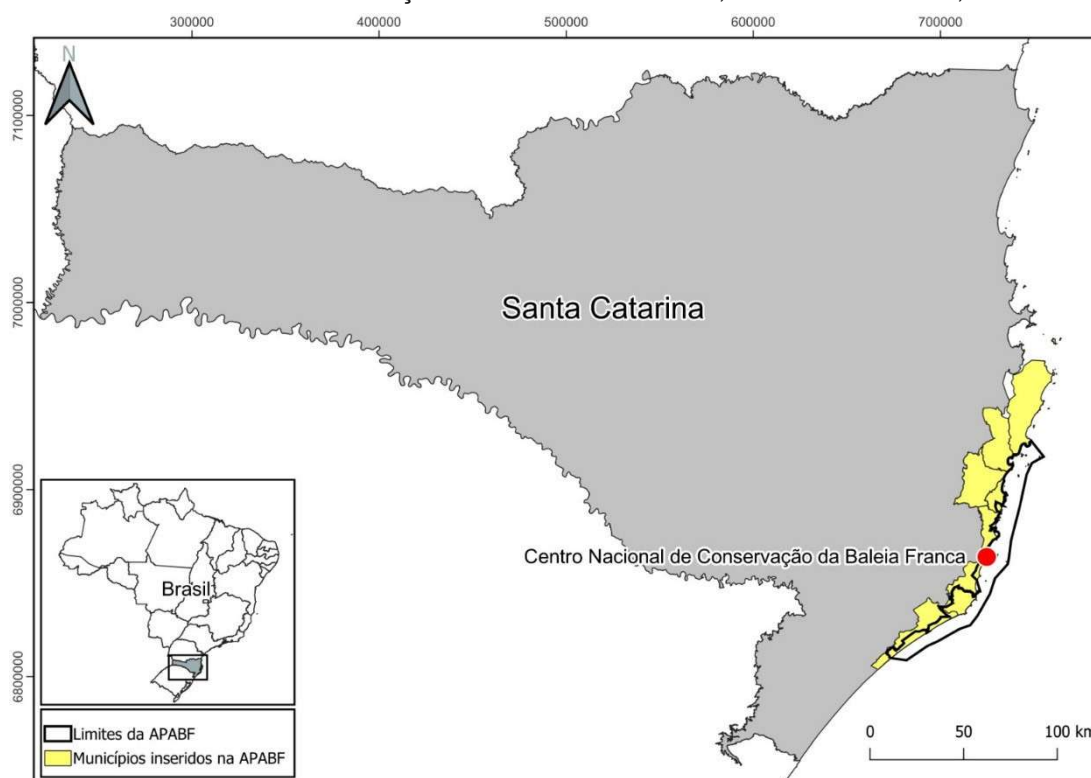
Considerando os aspectos discutidos nesta seção, a próxima parte do trabalho descreve os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da área de estudo

O estudo foi realizado na APABF, Unidade de Conservação localizada no litoral de Santa Catarina, Brasil (Fig. 1). A APABF é uma UC criada pelo Decreto s/nº, de 14 de setembro de 2000, do Ministério do Meio Ambiente (ICMBio, 2018). Ela tem uma área de 154.867,40 mil hectares e abrange os municípios de Florianópolis, Palhoça, Paulo Lopes, Garopaba, Imbituba, Laguna, Jaguaruna e Rincão (ICMBio, 2018). Na região predomina o clima subtropical úmido, com estações bem definidas. As chuvas costumam ser bem distribuídas ao longo do ano com uma pequena diminuição nos meses de inverno (junho a setembro) e o verão apresenta-se bastante quente e prolongado. No inverno, os ventos predominantes são de sentido sul, que trazem para a atmosfera uma umidade oceânica (Carvalho, 1994).

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DA APA DA BALEIA-FRANCA, COM DESTAQUE PARA O CENTRO NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA BALEIA-FRANCA, SANTA CATARINA, BRASIL.

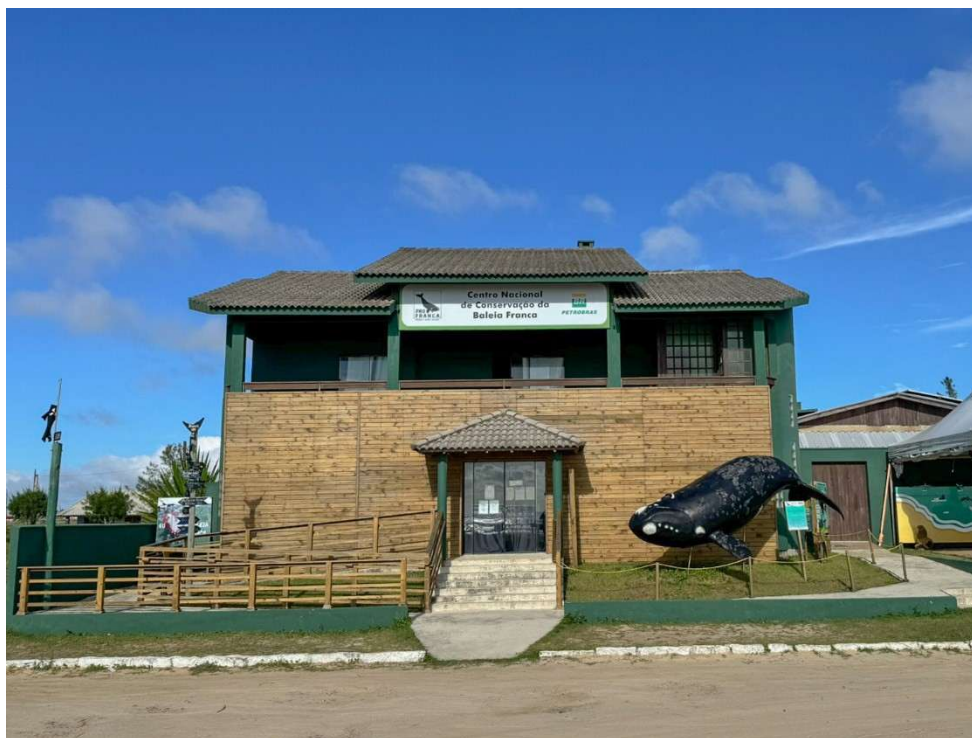


FONTE: Elaboração pelos autores a partir de IBGE (2023) e ICMBIO (2025).

3.2 Coleta e análise dos dados

Durante os meses de janeiro e julho a novembro de 2024, foram realizadas entrevistas com 27 guias e condutores de turismo que atuam com observação de baleias-francas na APABF. As entrevistas foram realizadas à medida que os profissionais iniciavam ou finalizavam sua jornada de trabalho, bem como durante capacitações promovidas pelo Projeto Franca Austral/Instituto Australis no Centro Nacional de Conservação da Baleia-Franca, situado na Praia de Itapirubá Norte, em Imbituba, SC (Fig. 2).

FIGURA 2 – CENTRO NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA BALEIA-FRANCA, PRAIA DE ITAPIRUBÁ NORTE, MUNICÍPIO DE IMBITUBA, SANTA CATARINA, BRASIL



FONTE: Elaboração pelos autores (2025).

Tal como em outros estudos envolvendo conhecimentos e percepções de atores relacionados ao turismo com fauna (Vidal et al., 2019; Conceição et al., 2022), foram realizadas entrevistas presenciais individuais com os guias e condutores. As entrevistas foram guiadas por um questionário semiestruturado contendo perguntas abertas e fechadas que abordaram: (i) o perfil social e econômico do profissional de turismo; (ii) informações sobre as baleias repassadas aos visitantes durante os passeios; e (iii) a sua percepção sobre as interações turísticas com a baleia-franca.

Os participantes foram selecionados de acordo com os critérios: ser guia ou condutor de turismo, ter 18 anos ou mais e atuar ativamente com o turismo de observação de baleias-franca dentro dos limites geográficos da APABF. Esses critérios asseguram a inclusão de profissionais qualificados e diretamente envolvidos na temática, contribuindo para a relevância da amostra. Antes de cada entrevista, foram explicados os objetivos do estudo e fornecida a garantia de preservação da identidade a cada entrevistado (Librett; Perrone, 2010). Todas as entrevistas foram conduzidas por meio de diálogo (entrevista pessoal) em formato de pergunta-resposta, a fim de gerar confiança entre o entrevistador e o entrevistado e aumentar a confiabilidade dos dados (Zappes et al., 2011).

As questões que permitiram ao entrevistado apenas uma resposta foram analisadas por meio de cálculos percentuais (estatística descritiva). E as que permitiram mais de uma resposta foram analisadas por meio de sua frequência de citações, considerando o número de vezes que aparecem no total de respostas (Conceição et al., 2022).

A pesquisa foi realizada com autorização do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), por meio da licença SISBIO nº 90672-2, e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina sob o parecer nº 74683523.9.0000.0118.

Com os procedimentos metodológicos delineados, a seção a seguir apresenta os principais resultados da pesquisa, acompanhados de suas respectivas análises e discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos entrevistados

A amostra foi composta por 27 profissionais do turismo, dos quais 21 eram guias (77,78%) e seis condutores (22,22%). A maioria era do sexo feminino (62,96%) e 37,04% do masculino. A faixa etária predominante foi de 38 a 47 anos (37,04%). Resultado semelhante foi encontrado por Santos (2021), que identificou 52,9% de guias no Brasil sendo mulheres, com faixa etária entre 25 e 49 anos. Lobato e Dantas (2022) encontraram distribuição mais equilibrada: 54,8% homens e 45,2% mulheres, com média de 45,5 anos. Segundo Minasi, Mayer e Santos (2022), embora as mulheres sejam maioria em áreas como alimentação e hospedagem, ampliam sua atuação em segmentos menos tradicionais, como agências e operadoras. Nacionalmente, dados do SIMT/IPEA (2019) indicam que as mulheres representam 54% dos empregos formais no turismo. Os dados deste estudo reforçam a expressiva participação feminina na APABF, corroborando pesquisas sobre sua inserção e protagonismo.

No que diz respeito à escolaridade, 40,74% (n = 11) têm ensino superior completo e 37,04% (n = 10) pós-graduação (Tabela 1). A elevada escolaridade observada é similar ao encontrado por Leite, Fernandes e Domingues (2011), em que 41% dos guias de turismo atuantes no estado de Santa Catarina possuíam ensino superior completo. A qualificação profissional em turismo é um fator determinante para a competitividade do setor, ressaltando a necessidade de uma formação de qualidade para atender às exigências do mercado (Catramby; Costa, 2004).

TABELA 1 - PERFIL SOCIAL DOS GUIAS E CONDUTORES DE TURISMO ENTREVISTADOS NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA-FRANCA, SANTA CATARINA, BRASIL

Variável	Categoria	N amostral	%
Gênero	Masculino	10	37,04
	Feminino	17	62,96
Profissão	Guia	21	77,78
	Condutor	6	22,22
Faixa etária	18-27	1	3,70
	28-37	7	25,93
	38-47	10	37,04
	48-57	5	18,52
	58-67	3	11,11
	Mais de 67	1	3,70
Escolaridade	Médio completo	4	14,81
	Superior incompleto	2	7,41
	Superior completo	11	40,74
	Pós-graduação	10	37,04

FONTE: Elaboração pelos autores, 2025.

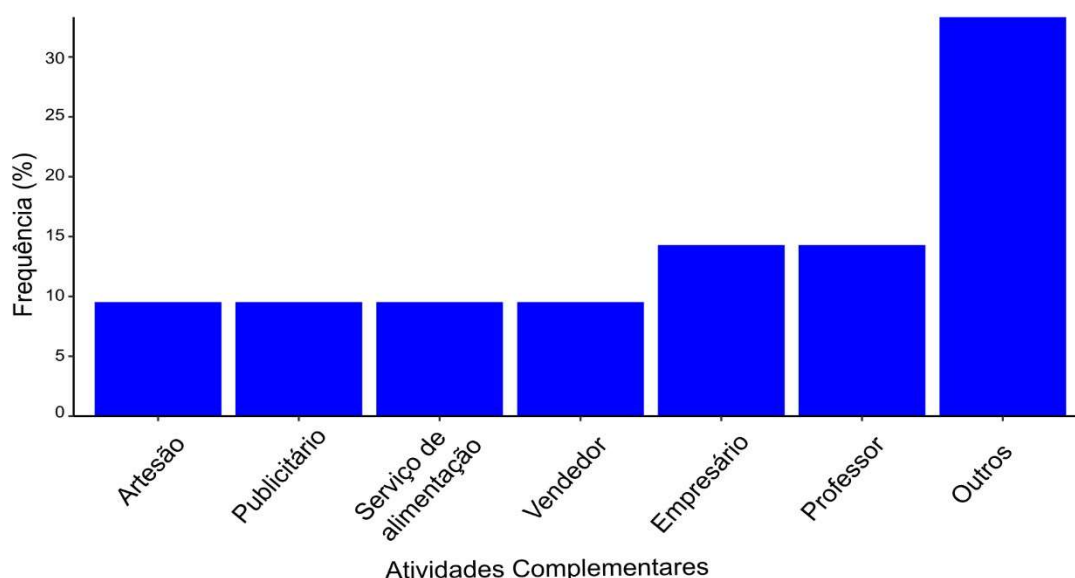
Além do português, falado por todos os entrevistados, 77,78% (n=21) relataram fluência em outros idiomas, incluindo inglês, espanhol, alemão, italiano e francês. Resultado semelhante foi encontrado por Leite, Fernandes e Domingues (2011), segundo os quais, em Santa Catarina 77% dos guias também declararam conhecimento em língua estrangeira. Esse domínio de idiomas reflete a necessidade de atender a um público diversificado, composto tanto por visitantes nacionais quanto internacionais, especialmente em destinos consolidados no turismo de natureza. A capacidade de comunicação em outros idiomas amplia as oportunidades de trabalho e a qualidade do atendimento, aspectos ressaltados por Carvalho (2016), ao destacar que o domínio de línguas estrangeiras é fundamental para o exercício da atividade e

que o investimento em formação continuada contribui diretamente para o aprimoramento profissional.

Questionados sobre a necessidade de complementar a renda, 74,07% (n=20) dos entrevistados afirmaram exercer outras ocupações, enquanto somente 25,93% (n=7) dependem exclusivamente do turismo (Fig. 3). Mendonça Neto e Nascimento (2024), indicam que a sazonalidade e a baixa valorização dos profissionais do turismo reforçam a necessidade de múltiplas rendas, evidenciando resiliência, mas também vulnerabilidade diante da ausência de políticas públicas voltadas ao turismo sustentável. Esse resultado corrobora outros estudos em UCs brasileiras, que apontam a dependência de fontes alternativas para subsistência (Conceição et al., 2022; Sousa; Ribeiro-Novaes, 2024).

Diferentemente do perfil desta pesquisa, marcado por professores e empresários, ambos com 14,29% (n = 3), em locais como Anavilhanas/AM, Ipojuca/PE e Catimbau/PE prevalecem pescadores e agricultores (Conceição et al., 2022; Ternes; Gerhardinger; Schiavetti, 2016; Silva; Pires, 2016). Essa variação no perfil ocupacional entre regiões reflete fatores socioeconômicos e culturais locais. Enquanto áreas com maior infraestrutura e oferta de serviços tendem a envolver profissionais com formação mais diversificada, como professores e empresários, regiões com menor estrutura econômica e turística, como a Amazônia e o sertão nordestino, apresentam predominância de trabalhadores oriundos de atividades tradicionais, como pesca e agricultura (Porto, 2014).

FIGURA 3 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES EXERCIDAS PELOS GUIAS E CONDUTORES DE TURISMO NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA FRANCA, SANTA CATARINA, BRASIL.



FONTE: Elaboração pelos autores, 2025.

Em relação à renda mensal, 44,44% (n = 12) dos participantes declararam receber até dois salários-mínimos, 37,04% (n = 10) entre três e cinco salários-mínimos e 18,52% (n = 5) entre seis e dez salários-mínimos. A predominância de profissionais com rendimentos de até dois salários-mínimos corrobora com estudos de Santos e Tomazzoni (2024), ainda que em proporção superior registrada em seu estudo (28,2%). O resultado também se aproxima dos dados do SIMT/IPEA (2019), que apontam mais de 71% dos trabalhadores do setor nessa faixa. Assim, os resultados indicam uma tendência de baixa remuneração entre os profissionais do turismo no contexto local analisado. Ressalta-se que a remuneração varia segundo fatores regionais e, em geral, é calculada por diária ou roteiro, considerando número de pessoas, transporte, idiomas e modalidade do serviço (Santos; Tomazzoni, 2024).

4.2 SOBRE A BALEIA-FRANCA

A maioria dos entrevistados (96,30%; n=26) identificou o animal como mamífero, e um participante (3,70%) indicou ser anfíbio. A percepção dos guias sobre o tipo de animal que é a baleia-franca contribui para aprimorar estratégias de manejo e educação ambiental na região. O alto índice de acerto reflete bom nível de conhecimento, essencial para a qualidade da experiência turística e disseminação de informações corretas aos visitantes (Hoyt, 2001; Zeppel; Muloin, 2008).

Ainda que não tenha sido o caso da presente pesquisa, níveis elevados de identificação inadequada ressaltam a importância da capacitação contínua. Estudos sugerem que treinamentos frequentes e baseados em ciência cidadã podem minimizar equívocos e fortalecer o turismo como ferramenta de conservação (IFAW, 1999; Luck, 2015). A educação ambiental aplicada ao turismo de observação de baleias pode aprimorar a compreensão dos profissionais sobre aspectos biológicos e ecológicos da espécie, promovendo comunicação mais eficaz com os turistas (Orams, 1996; Mayes; Dyer; Richins, 2004). Assim, a qualificação contínua desses profissionais pode potencializar o engajamento do público e contribuir para a preservação da baleia-franca na APABF.

Sobre a percepção da quantidade de baleias na região nos últimos 10 anos, 77,78% (n=21) relataram aumento populacional, 11,11% (n=3) não perceberam mudanças, 7,41% (n=2) não souberam responder e 3,70% (n=1) mencionaram redução. Essa percepção corrobora estudos que indicam taxa de crescimento anual de 4,8% para a população de fêmeas reprodutivas de baleias-franca na costa brasileira (Renault-Braga; Groch; Simões-Lopes, 2021b; Renault-Braga; Groch; Simões-Lopes, 2023). A proibição da caça comercial em 1987 e a criação da APABF em 2000 foram fundamentais para a recuperação da espécie (Groch et al., 2005). Essas medidas, associadas ao manejo das atividades turísticas e pesqueiras e à implementação de protocolos para mitigar riscos como capturas acidentais e colisões, têm contribuído para a proteção da espécie e a efetividade das políticas de conservação (ICMBio, 2018). A variação nas respostas pode estar ligada ao tempo de experiência, sazonalidade e frequência de observação.

Todos os entrevistados relataram fornecer informações sobre as baleias aos visitantes durante as atividades de turismo guiado na APABF. Os temas mais abordados foram o comportamento das baleias, 21,15% (n=11) e características físicas da espécie 15,38% (n=8). A Figura 4 evidencia a ênfase dos profissionais em transmitir aspectos biológicos e comportamentais da espécie, reforçando o papel educativo da atividade turística.

FIGURA 4 - NUVEM DE PALAVRAS COM OS TEMAS ABORDADOS PELOS GUIAS E CONDUTORES DE TURISMO DURANTE OS PASSEIOS GUIADOS COM VISITANTES NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA FRANCA, SANTA CATARINA, BRASIL.



FONTE: Elaboração pelos autores, 2025.

Todos os participantes afirmaram que o turismo de observação de baleias na APABF contribui para a preservação desses animais. A justificativa mais frequente (36,67%) foi que “o conhecimento gera preservação” (Tabela 2). Esse achado está alinhado com Marques (2021), que analisou formas de conscientização para a preservação da baleia-franca por meio de observações guiadas na região. O estudo evidenciou que a presença de centenas de baleias-francas entre julho e novembro impulsiona o turismo regional de forma sustentável e fortalece a conscientização da população sobre a importância da conservação desses cetáceos. Além disso, reforça o posicionamento de Vidal (2011), em que este autor afirma que o contato entre humanos e cetáceos pode ampliar o conhecimento sobre as espécies, o que é benéfico para sua conservação. Assim, a percepção dos participantes sobre o papel educativo do turismo na APABF está em consonância com a literatura, evidenciando seu potencial como estratégia de conservação.

TABELA 2 - JUSTIFICATIVAS DOS GUIAS E CONDUTORES DE TURISMO ACREDITAREM QUE O TURISMO COM AS BALEIAS-FRANCAS CONTRIBUI PARA A CONSERVAÇÃO DESTES ANIMAIS.

Justificativa	N amostral	%
Conhecimento gera preservação/conservação	11	36,67
Conscientização das pessoas	5	16,67
Educação ambiental através do turismo	4	13,33
Contato com o animal sensibiliza para preservação	4	13,33
Importância das baleias para o meio ambiente e humanos	3	10
Turismo ordenado promove conservação	2	6,67
Conhecimento gera empatia	1	3,33

FONTE: Elaboração pelos autores, 2025.

4.3 Sobre atuar como guia e condutor

Os profissionais foram questionados sobre as vantagens e dificuldades de atuar como guias/condutores na APABF. A vantagem mais citada foi “trabalhar com o que gosta” (36,67%). Entre as dificuldades, destacaram-se a desvalorização profissional (40,63%) e a falta de incentivo ou apoio (28,13%). A atuação desses profissionais apresenta tanto a paixão pela profissão quanto os obstáculos inerentes ao setor. Tais aspectos positivos estão em consonância com a literatura, que associa a satisfação no trabalho à oportunidade de compartilhar conhecimentos e interagir com o meio ambiente. Segundo Santos (2021), os guias desempenham papel crucial na mediação entre turistas, comunidade e empresas, contribuindo para a qualidade dos serviços turísticos e para a preservação dos valores do destino. Contudo, os desafios permanecem significativos. A desvalorização e a ausência de incentivos corroboram estudos sobre a precariedade da profissão no Brasil, marcada por longas jornadas, baixos rendimentos e alta informalidade, que fragilizam direitos trabalhistas (Santos, 2021).

A partir da nuvem de palavras, observa-se que os termos mais representativos associados às dificuldades foram: desvalorização, incentivo e precariedade (Figura 5 – cor laranja). Em contraste, as palavras de conotação positiva destacadas foram: vocação, educação e aprendizado (Figura 5 – cor verde).

FIGURA 5 - NUVENS DE PALAVRAS COM AS DIFICULDADES E VANTAGENS RELATADAS POR GUIAS E CONDUTORES DE TURISMO EM SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BALEIA FRANCA, SANTA CATARINA, BRASIL.



FONTE: Elaboração pelos autores, 2025.

Diante dos achados apresentados, a próxima seção traz as considerações finais do estudo, abordando suas contribuições, limitações e possíveis desdobramentos para futuras pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar o conhecimento de guias e condutores sobre as baleias-francas e suas percepções sobre o turismo de observação na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (APABF), em Santa Catarina. Foram entrevistados profissionais que atuam diretamente na observação turística de baleias-francas dentro dos limites da unidade de conservação. A pesquisa buscou oferecer subsídios à gestão da APABF, contribuindo para estratégias que aprimorem a experiência turística e fortaleçam a conservação da baleia-franca-austral.

As entrevistas com guias e condutores de turismo na APABF revelaram um perfil marcado por significativa participação feminina, alta escolaridade e domínio de

idiomas estrangeiros. Esses aspectos corroboram estudos sobre o mercado de trabalho no setor turístico. A multifuncionalidade também se destacou, com muitos entrevistados exercendo outras atividades para complementar a renda. Apesar da importância do turismo como fonte de trabalho e renda, desafios como baixa remuneração e informalidade afetam a estabilidade profissional e financeira. O reconhecimento desses profissionais é essencial para garantir experiências de qualidade e promover a sustentabilidade da atividade.

No turismo de observação de baleias, guias e condutores atuam como mediadores entre turistas e ambiente marinho, divulgando informações sobre a baleia-franca e contribuindo para a conscientização ambiental. A percepção positiva do aumento populacional reforça a importância da atividade para a conservação. No entanto, equívocos na identificação taxonômica evidenciam a necessidade de capacitação contínua, assegurando a difusão de informações corretas.

A pesquisa confirma a relevância dos guias e condutores como agentes-chave na interface entre turismo e conservação em áreas protegidas. Além disso, traz reflexões sobre gênero, qualificação e multifuncionalidade no setor. Os resultados oferecem subsídios para gestores, ONGs e instituições de ensino, orientando políticas mais alinhadas às necessidades locais.

Como limitação, destaca-se o número reduzido de entrevistados, exigindo cautela ao extrapolar os resultados. Ainda assim, os achados ampliam a compreensão do papel desses profissionais e fortalecem um turismo mais responsável e sustentável na APABF. Considerando isso, recomenda-se que estudos futuros aprofundem a análise do turismo de observação de baleias nesta e em outras regiões brasileiras, de maneira a identificar oportunidades, desafios e estratégias que promovam práticas sustentáveis e a valorização dos guias e condutores.

AGRADECIMENTOS

Petrobras, por proporcionar a viabilidade das atividades do Projeto Franca Austral – ProFRANCA. Agradecemos também a colaboração dos entrevistados que se dispuseram a responder o questionário, e a toda a equipe do ProFRANCA e do Instituto Australis. O ProFRANCA é realizado pelo Instituto Australis de Pesquisa e Monitoramento Ambiental, e, desde dezembro de 2019, é patrocinado pela Petrobras e Governo Federal por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

REFERÊNCIAS

- ABREU, L. A. DE; WALKOWSKI, M. C.; PERINOTTO, A. R. C.; FONSECA, J. F. Community-Based Tourism and Best Practices with the Sustainable Development Goals. **Administrative Sciences**, Basel, v. 14, n. 2, p. 36, 2024. DOI.10.3390/admsci14020036
- ANDERSEN, M. S.; MILLER, M. L. Onboard marine environmental education: Whale watching in the San Juan Islands, Washington. **Tourism in Marine Environments**, v. 2, n. 2, p. 111-118, 2006. DOI.10.3727/154427306779436327
- AVILA, I. C.; CORREA, L. M; PARSONS, E. C. M. Whale watching activity in Bahía Málaga, on the Pacific coast of Colombia, and its effect on humpback whale (Megaptera novaeangliae) behavior. **Tourism in Marine Environments**, v. 11, n. 1, p. 19-32, 2015. DOI.10.3727/154427315X14398263718394
- BARNEY, E. C.; MINTZES, J.J.; YEN, C.F. Assessing knowledge, attitudes, and behavior toward charismatic megafauna: the case of dolphins. **The Journal of Environmental Education**, v. 36, n. 2, p. 41-55, 2005. DOI.10.3200/JOEE.36.2.41-55
- BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 156 p. 1 E-book. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-base-comunitaria-diversidade-de-olhares-e-experiencias-brasileiras.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025
- BETTI, P.; DENARDIN, V. F. Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação: justiça ambiental para o desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 4, p.176-190, 2013. DOI.10.34024/rbecotur.2013.v6.6372
- BOTELHO, E. S.; RAIMUNDO, S. Aporte teórico-conceitual sobre as parcerias público-comunitárias para o lazer e o turismo em áreas protegidas. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 16, n.3, p.25-46, 2023. DOI.10.34024/rbecotur.2023.v16.15171
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Portaria nº 148, de 7 de junho de 2022. Altera os Anexos das Portarias nº 443, 444 e 445, de 17 de dezembro de 2014, referentes à atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. **Diário Oficial da União**, n. 108, p. 74. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mma-n-148-de-7-de-junho-de-2022-406272733>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CÂMARA, I. G.; PALAZZO, J. T. Novas informações sobre a presença de *Eubalaena australis* no sul do Brasil. In: REUNIÓN DE TRABAJO DE EXPERTOS EN MAMÍFEROS ACUÁTICOS DE AMÉRICA DEL SUR, 1., 1986, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires, 1986. p. 35–41.

CANTO-SILVA, R; SILVA. Panorama da visitação e da condução de visitantes em Parques brasileiros. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, n. 2, p. 365–386, 2017. DOI.10.7784/rbtur.v11i2.1286.

CARVALHO, V. **A Zona Costeira Brasileira: subsídios para uma avaliação ambiental**. Brasília: Secretaria de Coordenação de Assuntos de Meio Ambiente, 1994.

CARVALHO, A. B. **Teoria, técnicas e tecnologias para formação e atuação profissional do guia de turismo**. Sergipe: Editora do Instituto Federal de Sergipe, 2016. 1 E-book. 95 p. Disponível em: [https://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/2017/E-](https://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/2017/E-Book%20Teorias%20t%C3%A9cnicas%20e%20tecnologias%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20atua%C3%A7%C3%A3o%20profissional%20do%20guia%20de%20turismo.pdf)

[Book Teorias t%C3%A9cnicas e tecnologia para a forma%C3%A7%C3%A3o e atua%C3%A7%C3%A3o profissional do guia de turismo. pdf](https://www.ifs.edu.br/images/EDIFS/ebooks/2017/E-Book%20Teorias%20t%C3%A9cnicas%20e%20tecnologias%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20atua%C3%A7%C3%A3o%20profissional%20do%20guia%20de%20turismo.pdf). Acesso em: 11.jan.2025

CATRAMBY, T. C. V; COSTA, S. R. R. DA. Qualificação profissional em turismo como fator de competitividade do setor. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 3, p. 26-34, 2004. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/60>. Acesso em: 19 abr. 2025

CLAPHAM, P. J. Predicting right whale distribution: Report of the workshop held on October 1 and 2, 1998 in Woods Hole, Massachusetts. **Northeast Fisheries Science Center**, p. 44, 1999. Disponível em: <https://repository.library.noaa.gov/view/noaa/3466> Acesso em: 19 abr. 2025

CLAPHAM, P. J.; YOUNG, S. B.; BROWNELL, JR. R. L. Baleen whales: conservation issues and the status of the most endangered populations, **Mammal Review**, v. 29, n. 1, p. 35-60, 1999. DOI.10.1046/j.1365-2907.1999.00035.x

CONCEIÇÃO, F. P; SANTOS, P.; ZAPPES, C.; VIDAL, M. D. Percepção e Atuação de Condutores de Turismo sobre as Interações com Botos no Parque Nacional de Anavilhanas, Estado do Amazonas, Brasil, **Biodiversidade Brasileira, Brasília**, v. 12, n. 3, p. 43-54, 2022. DOI.10.37002/biobrasil.v12i3.1892.

CUMMINGS, W. C. Right Whales, *Eubalaena glacialis* (Muller 1776) and *Eubalaena australis* (Desmoulis, 1822). In: RIDWAY, S. H.; HARRISON, S. R. (Ed.). **Handbook of Marine Mammals: The Sirenians and Baleen Whales**. Orlando: Academic Press, 1985. p.275-304

CURTIN, S. Wildlife tourism: The intangible, psychological benefits of human-wildlife encounters. **Current Issues in Tourism**, v. 12, n. 5, p. 451-474, 2009. DOI.10.1080/13683500903042857

DIAS, R. A biodiversidade como atrativo turístico: o caso do Turismo de Observação de Aves no município de Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 111-122, 2011. DOI.10.34024/rbecotur.2011.v4.5906

DIEDRICH, A.; GARCIA-BUADES, E. Local perceptions of tourism as indicators of destination decline. **Tourism Management**, v. 30, n. 4, p. 512-521, 2009. DOI.10.1016/j.tourman.2008.10.009

ELLIS, R. **Men & Whales**. EUA: Lyons Press, 1999.

FERNANDES, L.; ROSSI-SANTOS, M. R. An integrated framework to assess the carrying capacity of humpback whale-watching tourism in Praia do Forte, Northeastern Brazil. In: ROSSI-SANTOS, M. R.; FINKL, C. W. (Orgs.). **Advances in Marine Vertebrate Research in Latin America: Technological Innovation and Conservation**. Cham: Springer, 2018. p. 41-73. DOI: DOI.10.1007/978-3-319-56985-7_3

GARCÍA-CEGARRA, A.; PACHECO, A. Whale-watching trips in Peru lead to increases in tourist knowledge, pro-conservation intentions and tourist concern for the impacts of whale-watching on humpback whales. **Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems**, v. 27, n. 5, p. 1011-1020, 2017. DOI.10.1002/aqc.2754

GROCH, K. R.; PALAZZO, J. T.; FLORES, P. A. C.; ADLER, F. R.; FABIAN, M. E. Recent rapid increases in the right whale (*Eubalaena australis*) population off southern Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Mammals**, v. 4, n. 1, p. 41-47, 2005. DOI.10.5597/lajam00068

HOYT, E. **Whale Watching 2001: Worldwide Tourism Numbers, Expenditures, and Expanding Socioeconomic Benefits**. International Fund for Animal Welfare (IFAW), 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272486618_Whale_Watching_2001_Worldwide_Tourism_Numbers_Expenditures_and_Expanding_Socioeconomic_Benefits. Acesso em: 19 abr. 2025.

INTERNATIONAL FUND FOR ANIMAL WELFARE (IFAW). **Report of the Workshop on the Socioeconomic Aspects of Whale Watching**. International Fund for Animal Welfare, 1999.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). **Plano de Manejo**: Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca – caracterização do turismo no território da APABF. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/apa-da-baleia-franca> Acesso em: 04 nov.2025

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo – SIMT**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/extrator/simt.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.

JACOBS, M. H.; HARMS, M. Influence of interpretation on conservation intentions of whale tourists. **Tourism Management**, v. 42, p. 123-131, 2014. DOI: [DOI.10.1016/j.tourman.2013.11.009](https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.11.009)

KRAUSE, M.; ROBINSON, K. Charismatic Species and Beyond: How Cultural Schemas and Organisational Routines shape Conservation. **Conservation and Society**, v. 15, n. 3, p. 313-321, 2017. DOI.10.4103/cs.cs_16_63

LEAPER, R.; COOKE, J; TRATHAN, P; REID, K; [ROWNTREE](https://doi.org/10.1098/rsbl.2005.0431), V; PAYNE, R. Global climate drives southern right whale (*Eubalaena australis*) population dynamics. **Biology Letters**, v. 2, n. 3, p. 289–292, 2006. DOI.10.1098/rsbl.2005.0431

LEITE, F. C. L.; FERNANDES, L. R.; DOMINGUES, R. Estudo do perfil dos guias de turismo de Santa Catarina. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO – ANPTUR, 8., 2011, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. Balneário Camboriú: 2011. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/8/34.pdf>. Acesso em: 11 jan.2025

LIBRETT, M.; PERRONE, D. Apples and oranges: ethnography and the IRB. **Qualitative Research**, Bridgewater State University, v. 10, n. 6, p. 729-747, 2010. DOI.10.1177/1468794110380548

LOBATO, A. C. R. S.; DANTAS, A. V. S. Percepção dos guias de turismo da cidade de Natal/RN sobre as plataformas de turismo colaborativo. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 114-134, 2022. DOI.10.26512/revcenario.v10i1.43910

LUCK, M. Education on marine mammal tours as agent for conservation—but do tourists want to be educated? **Ocean & Coastal Management**, v. 103, p. 25-33, 2015. DOI.10.1016/j.ocecoaman.2014.11.002

LUNARDI, D. G.; SANTOS, J. E. A. A.; NASCIMENTO, L. L. S.; FREITAS, D. C.; LUNARDI, V. O. An assessment of the Guiana dolphin watching tourism activities at the Coastal Wildlife Reserve of Tibau do Sul (Refauts), Rio Grande do Norte State, Brazil. **Sustainability in Debate**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 40-53, 2017. DOI.10.18472/SustDeb.v8n1.2017.20213

MARQUES, T. D. A utilização da observação guiada de baleias na APA como forma de conscientização da população: uso do potencial turístico da Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca. In: CONGRESSO ON-LINE BRASILEIRO DE BIOLOGIA MARINHA E OCEANOGRAFIA – COBBMO, 1., 2021. **Anais [...]**. Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente, v. 2, n. 4, 2021. DOI.10.51189/rema/2267.

MAYES, G.; DYER, P.; RICHINS, H. Dolphin-human interaction: Pro-environmental attitudes, beliefs, and intended behaviors and actions. **Australian Journal of Environmental Education**, v. 20, n. 2, p. 81-92, 2004. DOI.10.1080/11745398.2004.106 00938

MAYOL, J. **Homo Delphinus**. 3. ed. Paris: Editions Glénat, 255 p. 1986.

MATHEUS, F. S.; RAIMUNDO, S. Os resultados das políticas públicas de ecoturismo em Unidades de Conservação no Brasil e no Canadá. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, Brasília, v.11, n. 3 p. 455–479, 2017. DOI.10.7784/rbtur.v11i3.1336

MCDOWELL GROUP. National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA). **Economic analysis of whale watching tourism in Alaska**. June 2020. Disponível em: <https://www.fisheries.noaa.gov/s3//2020-11/Economic-Analysis-Whale-Watching-Tourism-Alaska.pdf?VersionId=null>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MENDONÇA NETO, M. T. DE.; NASCIMENTO, M. A. L. DO. Turismo de Base Comunitária e Gestão Participativa em Áreas Protegidas. **Ateliê do Turismo**, v. 8, n.1, p. 109-133, 2024. DOI.10.55028/at.v8i1.19539

MINASI, S. M.; MAYER, V. F.; SANTOS, G. E. O. Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 16, e-2494, 2022. DOI.10.7784/rbtur.v16.2494.

MORAES, E. A. de; MENDONÇA, T. C. de M. Turismo de Base Comunitária no Brasil: pistas para conhecer, intervir e construir caminhos possíveis. **Revista Latino-Americana de Turismologia**, Juiz de Fora, v. 10, n. Regular, p. 1-10, 2024. DOI.10.5281/zenodo.14511142

MORAIS, I. O. B.; DANILEWICZ, D.; ZERBINI, A. N.; EDMUNDSON, W.; HART, I. B.; BORTOLOTTI, G. A. From the southern right whale hunting decline to the humpback whaling expansion: a review of whale catch records in the tropical western South Atlantic Ocean. **Mammal Review**, v. 47, n. 1, p. 11–23, 2016. DOI.10.1111/mam.12073

MOREIRA, L. M.; ROCHA, M. E. C.; SERAFINI, P. P.; GROCH, K. R.; CORRÊA, A. A. Turismo de Observação de Baleias Embarcado (TOBE) na Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca/ICMBio – Gestão e Manejo Através de uma Unidade de Conservação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DO MAR – COLACMAR, 16., 2011, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. Balneário Camboriú: 2011. Disponível em: <https://baleiafranca.org.br/oprojeto/publicacoes/2011/moreiraetal-colacmar2011.pdf>. Acesso em: 20 jan.2025.

ORAMS, M. A conceptual model of tourist–wildlife interaction: The case for education as a management strategy. **Australian Geographer**, Londres, v. 27, n. 1, p. 3951, 1996. DOI.10.1080/00049189608703156

PARSONS, E. C. M.; WARBUTON, C. A.; WOODS-BALLARD, A.; HUGHES, A.; JOHNSTON, P. The value of conserving whales: the impacts of cetacean-related tourism on the economy of rural West Scotland. **Aquatic conservation: Marine and freshwater ecosystems**, Londres, v. 13, n. 5, p. 397-415, 2003. DOI.10.1002/aqc.582

PEREIRA, E. M. Interpretação: valor adicional no turismo sustentável. In: Nelson SP, Pereira EM (Orgs). **Ecoturismo - práticas para um turismo sustentável**. Manaus: Editora Valer, p. 139-178, 2004.

PORTO, N. P. **Análise socioeconômica do turismo de base comunitária no mosaico de áreas protegidas do Baixo Rio Negro – AM**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Áreas Protegidas) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, Manaus, 2014. Disponível em: <https://repositorio.inpa.gov.br/handle/1/12862>. Acesso em: 19 abr.2025

REEVES, R.; SMITH, B.; CRESPO, E.; DI SIARA, G. Dolphins, Whales and Porpoises: 2002-2010 Conservation. **Oryx**, Cambridge University, Inglaterra, v. 37, n. 3, p. 383-383, 2003. DOI.10.1017/S0030605303230660

RENAULT-BRAGA, E. P.; GROCH, K. R.; SIMÕES-LOPES, P. C. How many are they? Estimates of demographic patterns of reproductive females of southern right whale (*Eubalaena australis*) in the southern coast of Brazil. **Marine Ecology**, v. 44, n. 2 e12744, 2023. DOI.10.1111/maec.12744

RENAULT-BRAGA, E. P.; GROCH, K. R.; SIMÕES-LOPES, P. C. Is there spatial segregation between reproductive groups of southern right whales along the coastline of southern Brazil? **Marine Mammal Science**, v. 37, n. 12, p. 1008–1021, 2021a. DOI.10.1111/mms.12797

RENAULT-BRAGA, E. P.; GROCH, K. R.; SIMÕES-LOPES, P. C. Numerical population estimates update for Southern Right Whales in Brazil (SC/68C/CMP/10). Cambridge: **International Whaling Commission**, 2021b. Disponível em: https://archive.iwc.int/pages/view.php?search=SC%2F68C%2FCMP%2F10&k=&modal=&display=list&order_by=resourcetype&offset=0&per_page=240&archive=&sort=DESC&restypes=1%2C2%2C3%2C4%2C14&recentdaylimit=&foredit=&noreload=true&access=&ref=19178. Acesso em: 8 nov. 2025.

SANTOS, B. P.; TOMAZZONI, E. L. Os porta-vozes do destino: caracterização do trabalho dos guias de turismo no Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 14, n. 1, p. 49-71, 2024. DOI.10.28998/10.28998/RITURritur.V14.N1.A17102pp.49-7117102

SANTOS, B. P. G. **Os porta-vozes do destino: uma análise do trabalho dos guias de turismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-27012022-214349/pt-br.php>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SARAIVA, A. L. O.; ANJOS, F. O. As competências do guia de turismo: um estudo sobre os cursos de formação técnica no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n. 3, p. 36-54, 2019. DOI.10.7784/rbtur.v13i3.1536

SCARPACI, C.; DAYANTHI, N.; CORKERON, P. Compliance with regulations by “swim-with-dolphins” operations in Port Philip Bay, Victoria, Australia. **Environmental Management**, Australia, v. 31, n. 3, p. 342-347, 2003. [DOI.10.1007/s00267-0022799-z](https://doi.org/10.1007/s00267-0022799-z)

SEYBOTH, E.; GROCH, K. R.; DALLA ROSA, L.; REID, K.; FLORES, P. A. C.; SECCHI, E. R. Southern right whale (*Eubalaena australis*) reproductive success is influenced by krill (*Euphausia superba*) density and climate. **Scientific Reports**, v. 6, 28205, 2016. DOI.10.1038/srep28205

SILVA JUNIOR, J. M.; WEYSFIELD, F. Q.; PINHEIRO, R.; FREITAS, A. R. V.; SILVA, A. C.; SILVA, F. J. L. A sustentabilidade do compartilhamento dos golfinhos em Fernando de Noronha (Brasil). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 215–244, jan. 2025. DOI.10.34024/rbecotur.2025.v18.19477

SILVA, S.; SILVA, L. F.; VIEIRA, A. Protected Areas and Nature-Based Tourism: A 30Year Bibliometric Review. **Sustainability**, Basel, v. 15, e11698, 2023. DOI.10.3390/su151511698

SILVA, J. H; PIRES, M. L.L.S. Associativismo em Áreas Protegidas: Restrições e Possibilidades na Experiência dos Guias de Turismo do Catimbau, Pernambuco, **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XIX, n. 2, p. 169-186, 2016. DOI.10.1590/1809-4422ASOC134847V1922016

SPANHOLI, M. L.; BORGES, L. H. L.; CAMARGO, E. F. M.; PALAZZO JUNIOR, J. T.; CIPOLOTTI, S. R. C. Valor econômico da observação de baleias: estudo em Praia do Forte (BA, Brasil). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1–15, 2025. DOI.10.34024/rbecotur.2025.v18.1900

SOUSA, L. N.; RIBEIRO-NOVAES, E. K. M. D. Percepção de trabalhadores do turismo sobre o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 154-171, mai./jul. 2024. DOI.10.34024/rbecotur.2024.v17.15242

TERNES, M. L. F.; GERHARDINGER, L. C.; SCHIAVETTI, A. Seahorses in focus: local ecological knowledge of seahorse-watching operators in a tropical estuary. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 12, n. 1, p.1-12, 2016. DOI.10.1186/s13002-016-0125-8

TREMBLAY, P. Tourism wildlife icons: attractions of marketing symbols? **Journal of Hospitality and Tourism Management**, Darwin, Northern Territory, Australia, v. 9, n. 2, p. 164-180, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/256926667_Tourism_Wildlife_icons_Attractions_or_marketing_symbols Acesso em: 22 mar.2025

TISCHER, M. C.; DE CARLI, R. C.; SILVA, F. J. L.; SILVA JR, J. M. Tourism growth altering spinner dolphins' area of occupation in Fernando de Noronha Archipelago, Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Research**, v. 45, n. 4, p. 807-813, 2017. DOI.[10.3856/vol45-issue4-fulltext-16](https://doi.org/10.3856/vol45-issue4-fulltext-16)

VIDAL, M. D. Botos e turistas em risco. **Ciência Hoje**, v. 47, n. 281, p. 73-75, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/artigobotos-pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025

VIDAL, M. D.; SILVA JUNIOR, U. L.; SANTOS, P. M. C.; SIMONETTI, S. R.; CHAVES, M. P. S. R. Percepción de los pobladores locales sobre los impactos socioeconómicos y conservacionistas del turismo con delfines en el Parque Nacional de Anavilhanas (Brasil). **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos (CIET), Argentina, v. 28, n. 3, p. 802–817, 2019. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/1807/180762492014/html/>. Acesso em: 20 Mai. 2025 VIDAL, M. D.; SANTOS, P.; CHAVES, M.; MOREIRA, J.; BURNS, R. Understanding the Factors that Influence Visitor Perceptions Regarding Wildlife Tourism With Amazon River Dolphins. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 173-96, 2021. DOI.10.29147/revhosp.v18i02.950

VIDAL, M. D.; SANTOS, P. M. C.; SIMONETTI, S. D.; SICILIANO, S. Ecoturismo com fauna silvestre em áreas protegidas do Baixo Rio Negro, Amazônia brasileira: caracterização, desafios e potencialidades. Turismo: **Visão & Ação**, Balneário Camboriú, v. 26, e19646, 2024. DOI.10.14210/tva.v26.19646.

VIDAL, M. D.; SANTOS, P. M. C.; OLIVEIRA, C. V.; MELO, L. C. Perfil e percepção ambiental dos visitantes do flutuante dos botos, Parque Nacional de Anavilhanas, Novo Airão – AM, **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 3, p. 419435, 2013. DOI.10.7784/rbtur.v7i3.583

WEILER, B.; BLACK, R. The Changing Face of the Tour Guide: One-way Communicator to Choreographer to Co-Creator of the Tourist Experience. **Tourism Recreation Research**, v. 40, n. 3, p. 364-378, 2015. DOI.10.1080/02508281.2015.1083742

WOSNICK, N.; LEITE, R. D.; GIARETA, E. P.; NUNES, A. R. O. P.; NUNES, J. L. S.; CHARVET, P.; MONTEIRO-FILHO, E. L. A. Evaluating conservation status and governmental efforts towards regional flagship species in Brazil, **Journal of Environmental Management**, v. 292, n. 112732, 2021. DOI.[10.1016/j.jenvman.2021.112732](https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2021.112732)

ZAPPES, C.; ANDRIOLO, A.; SIMÕES-LOPES, P.; DI BENEDITTO, A. P. 'Human-dolphin (*Tursiops truncatus* Montagu, 1821) cooperative fishery' and its influence on cast net fishing activities in Barra de Imbé/Tramandaí, Southern Brazil. **Ocean & Coastal Management**, v. 54, n. 5, p. 427-432, 2011. DOI.10.1016/j.ocecoaman.2011.02.003

ZEINEDDINE, G.; OLIVEIRA, K.; RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; GUIMARÃES, J. Percepções dos pescadores artesanais e a pesca acidental de tartarugas marinhas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Barra do Una, Peruíbe, São Paulo, Brasil. **Ethnoscientia**. Pará, v. 3, p. 1-13, 2018. [DOI.10.22276/ethnoscientia.v3i0.60](https://doi.org/10.22276/ethnoscientia.v3i0.60)

ZEPPEL, H.; MULOIN, S. Conservation Benefits of Interpretation on Marine Wildlife Tours. **Human Dimensions of Wildlife: An International Journal**, v. 13, n. 4, p. 280-294, 2008. [DOI.10.1080/10871200802187105](https://doi.org/10.1080/10871200802187105)